

O ENSINO DE FILOSOFIA: UMA VISÃO KANTIANA

Amanda Victória Milke Ferraz de Carvalho¹

RESUMO: O presente artigo tem o objetivo de analisar a visão do filósofo Kant sobre o ensino de filosofia. A problemática dessa pesquisa é: Quais são as exigências feitas aos professores em relação ao ensino de filosofia? Analisaremos o ensino de filosofia, o que seria ensinar a filosofar e o que seria lecionar sobre a história da filosofia. A metodologia é bibliográfica-exploratória, com análise de obras envoltas nesse tema, e reflexão a partir dessas perante o contraste com a realidade do ensino de filosofia, tanto no ensino básico como no ensino superior. Nesse trabalho, em primeiro momento, se analisará a diferença entre a filosofia e o filosofar e como isso pode ser trabalhado em sala de aula, a partir de Immanuel Kant, nas seguintes obras: i) *Crítica da Razão Pura*; ii) *Lógica*; iii) sobre a organização das suas preleções no semestre do inverno de 1765-1766. Após isso, pretendemos expor segundo a ótica kantiana de educação, possíveis metodologias para ensino de filosofia. Com esse ensaio, objetivamos obter um panorama mais amplo sobre o ensino de filosofia para gerar reflexão e que apresentar alternativas e ideias para essa luta diária que é lecionar através do filósofo Kant.

Palavras-chaves: Ensino de filosofia; Kant; Filosofar.

ABSTRACT: This article aims to analyze Kant's view about teaching philosophy. Our problematic being: which are the requirements made to the professors relative to their teaching about philosophy? With that in mind, we analyze the following: in matter of the philosophy teaching itself, what would be teaching philosophy and what would be teaching about the history of philosophy. Our methodology is bibliographic-exploratory, regarding works related to this theme, reflecting a contrast towards our reality at the philosophy teaching in the elementary, high and university school levels. In this work, our first step is going to analyze, from Immanuel Kant, on the works 1) *Critique of Pure Reason*; 2) *Logik*; 3) *On the organization of his lectures in the winter semester of 1765-1766*, the difference between philosophizing and philosophy, and how this difference can be made visible on a classroom. After this, we pretend to expose, according to the Kantian view on education, possibles methodologies to the philosophy teaching. We aim with this paper to get a broader outlook about philosophy teaching, to generate reflections and to present, through Kant, alternatives and ideas to this daily fight, teaching.

Keywords: Philosophy teaching; Kant; Philosophizing.

Introdução

Ao falar sobre o ensino de filosofia, julgamos prudente começar entre o filosofar e a história da filosofia, pois comumente o debate sobre o ensino dessa disciplina gira em torno

¹ Graduada no curso de Filosofia – Licenciatura pela Unioeste (2022). Aluna especial do PPGFil – Unioeste. Bolsista de Apoio Técnico no projeto de pesquisa de tradução da correspondência de René Descartes (CNPq). E-mail: mandamilke@gmail.com.

disso. O caminho a ser trilhado nessa exposição sobre o ensino de filosofia será analisar o que o filósofo alemão Immanuel Kant escreveu sobre: i) os conhecimentos racionais; ii) o filosofar; iii) a filosofia; iv) a história da filosofia; v) a importância do contexto histórico do que é ensinado e a interdisciplinaridade. Tais elementos são importantes para a posterior reflexão sobre o ensino de filosofia, que falaremos um pouco sobre ambos os métodos e pensaremos em alternativas e modos de usar tanto o “ensinar filosofar” como o “ensinar história da filosofia” utilizando a interdisciplinaridade e contextualização histórica.

Kant: entre o filosofar e a história da filosofia

Para compreender a diferença entre o filosofar e a filosofia para Kant, é necessário ver a diferença dicotômica entre conhecimentos históricos e racionais. Os conhecimentos racionais são, por exemplo, a filosofia e a matemática, que tratam de enunciados necessários, provenientes da nossa razão pura. Por outro lado, os conhecimentos históricos são ligados a enunciados contingentes, provenientes da experiência empírica. No entanto, Kant admite um conhecimento que é em certo sentido racional e histórico: se do ponto de vista de sua *validade*, ele é necessário, então é racional, e se do ponto de vista de sua proveniência, tem origem na experiência, então é histórico. Um conhecimento pode ter *origem subjetiva* na experiência e ter *validade objetiva* universal: “[...] pode haver algo que objetivamente é um conhecimento racional e que, no entanto, subjetivamente é histórico apenas” (KANT, 2018, p. 659). Kant explora isso, definindo em princípio:

Os conhecimentos racionais opõem-se aos conhecimentos históricos. Aqueles são conhecimentos a partir de princípios (*ex principiis*); estes, conhecimentos a partir de dados (*ex datis*). Um conhecimento, porém, pode provir da razão, e não obstante, ser histórico; assim, por exemplo, quando um simples letrado aprende os produtos de uma razão alheia: seu conhecimento de semelhantes produtos da razão é meramente histórico [...] (KANT, 2018, p. 659).

Nem todo conhecimento histórico é racional, como exemplo podemos ver o senso comum errôneo que se formam na sociedade ou superstições que as pessoas têm que são passadas de geração para geração, que são históricos, mas não racionais. Mas algum conhecimento histórico é racional, à medida que nasce de um princípio da razão pura, mas é “passado” pela experiência, historicamente. A partir dessa diferença é possível falar sobre a diferença entre o ensinar filosofia e o filosofar.

Para Kant, a filosofia, assim como a matemática, é conhecimento racional. Ele chama de *filosofia* o sistema de todo conhecimento filosófico, ou seja, o todo organizado de todas as tentativas históricas de *filosofar* (cf. KANT, 2018, p. 660), por *filosofia* temos de entender “[...] uma simples ideia de uma ciência possível, que em parte alguma é dada *in concreto*, mas de que procuramos aproximar-nos por diferentes caminhos” (KANT, 2018, p. 661), de tal modo que, inversamente, só há “filosofia” porque há filosofar. Por isso temos que, para Kant, a filosofia ainda não “está dada”, ou seja, não é possível aprender nenhuma *filosofia*, pois ela é apenas uma ideia da razão, a partir da qual é possível pensar *por conceitos*. Aprender o *filosofar*, por outro lado, é possível e mesmo necessário quanto ao que respeita a própria empresa dessa ciência (cf. KANT, 2018, p. 660). O filósofo defende:

Até então não se pode aprender nenhuma filosofia; pois onde está ela? Quem a possui? Por que caracteres se pode conhecer? Pode-se apenas aprender a filosofar, isto é, a exercer o talento da razão na aplicação dos seus princípios gerais em certas tentativas que se apresentam, mas sempre com a reserva do direito que a razão tem de procurar esses próprios princípios nas suas fontes e confirmá-los ou rejeitá-los (KANT, 2018, p. 661).

Aprendemos e ensinamos nas escolas a história da filosofia. O que temos é aquilo que Kant chama de um conceito *escolástico* de filosofia, e não um conceito que faça jus ao *filosofar*:

Mas até aqui o conceito de filosofia é apenas um conceito escolástico, ou seja, o conceito de um sistema de conhecimento, que apenas é procurado como ciência, sem ter por fim outra coisa que não seja a unidade sistemática desse saber, por consequência, a perfeição lógica do conhecimento (KANT, 2018, p. 673).

Filosofia então, com o conceito escolástico seria uma espécie de sistema que faria do ensinar filosofia, um ensino da história da filosofia. Portanto, história da filosofia e filosofar não caminham de mãos dadas, ao aprender a história, não se aprende a filosofar como uma consequência, são dois movimentos diferentes no ensino-aprendizagem:

A distinção indicada entre conhecimentos racionais objetivos e subjetivos deixa claro também que, em certo sentido, é possível aprender a Filosofia sem ser capaz de filosofar. Portanto, quem quiser vir a ser um autêntico filósofo tem que se exercitar e, fazer da sua razão um uso livre e não um uso meramente imitativo e, por assim dizer, mecânico (KANT, 2018, p. 672).

Entretanto, apesar do aprender a filosofia, como um sistema, e o filosofar não andarem juntos, constitui algo prejudicial um aluno ou acadêmico aprender somente a história da filosofia e não aprender os movimentos de filosofar ou o filosofar em si. Isso é peculiar à

filosofia. Para um matemático, não conhecer a história da matemática é indiferente, ao saber das equações e dos conceitos, ele consegue aprender a matéria e ser um matemático sabendo calcular corretamente. Já para um acadêmico da filosofia em um curso de licenciatura, por exemplo, saber a história da filosofia não o torna alguém capaz de filosofar, e muito menos garante que ele vá saber mostrar o movimento do filosofar ou do pensar para seus alunos. Saber a história da razão da filosofia, o que os antigos disseram e seus argumentos, não lhe garante a aprendizagem do filosofar e ele pode somente imitar essa história para seus futuros alunos, sendo um ensino histórico, sistemático e repetitivo.

Sendo assim, é possível aprender a história da filosofia de maneira subjetiva, historicamente falando, e não aprender objetivamente a filosofar de fato. E, também, para Kant, não é possível aprender a Filosofia, no máximo aprendemos a história da filosofia, isto é, a história da razão, por outro lado, aprendendo usar a razão, podemos aprender a filosofar:

Não se pode aprender Filosofia já pela simples razão que ela ainda não está dada. E mesmo na suposição de que realmente existisse uma, ninguém que a aprendesse poderia se dizer filósofo; pois o conhecimento que teria dela seria sempre um conhecimento tão somente histórico-subjetivo (KANT, 2018, p. 674).

O que se pode entender aqui é que a Filosofia é o aprendizado da história da razão e no meio disso fazemos tentativas de filosofar e aprender a filosofar. E graduandos em filosofia, em seus estágios de docência e programas de ensino como Residência Pedagógica PIBID, PET Brasil a fora, sendo acadêmicos do curso de licenciatura, somente resta fazer o melhor para conseguir transmitir de maneira clara essa história e instigar o movimento de pensar e filosofar para nossos alunos, sendo um dever difícil e honroso do professor de filosofia.

Resta ainda falar, sobre a interdisciplinaridade. Na explicação de suas preleções, Kant dá importância ao ato de contextualizar, ensinar o contexto na hora de ensinar filosofia, como por exemplo, os eventos históricos na época que tal filosofia ocorreu. Citamos Kant:

Essa disciplina [filosofia] será, pois, uma Geografia físico-moral e política, na qual serão primeiro indicadas as peculiaridades da natureza através de seus três reinos, mas escolhendo aqueles entre inúmeras outras que se oferecem sobremodo à curiosidade geral graças ao atrativo de sua raridade, ou do comércio e da indústria. Esta parte, que contém ao mesmo tempo a relação natural entre todos os países e mares e a base de sua conexão, é o verdadeiro fundamento de toda a História, sem o qual ela pouco se distingue dos contos lendários (KANT, 1992, p. 179).

O contexto em relação a história e o tempo da história do assunto estudado são relevantes para entender com maior facilidade a matéria, e talvez seja possível entender a matéria sem o contexto, mas essa interdisciplinaridade com a história, e até outras matérias, é benéfica e agregadora, tanto no ensino médio como nas universidades. É importante dar contexto em relação ao assunto que vai ser abordado, por exemplo, ao ensinar filosofia antiga, é importante falar como era a política da Grécia, como funcionava a cidadania para, então, as obras da época terem sentido. O contexto importa, o que acaba gerando interdisciplinaridade em muitas ocasiões. Aqui, Kant demonstra mais diretamente a interdisciplinaridade que existe da filosofia com as demais matérias:

Pois a Filosofia no último sentido é, de fato, a ciência da relação de todo conhecimento e de todo uso da razão com o fim último da razão humana, ao qual, enquanto fim supremo, todos os outros fins estão subordinados, e no qual estes têm que se reunir de modo a constituir uma unidade (KANT, 2018, p. 671).

As matérias das grades curriculares do ensino médio e as matérias das grades das graduações, por vezes se conectam, com frequência maior do que paramos para observar, o que pode fazer diferença no ensino-aprendizagem. A interdisciplinaridade entre as matérias e as ciências existem e, ao mostrar isso nas escolas, pode existir um maior interesse dos alunos pela filosofia e pela escola no geral, de modo especial em relação aos alunos do ensino médio. A interdisciplinaridade não é obrigatória para o ensinamento das matérias. É evidente a importância de se dar contexto em relação ao assunto lecionado, mas a interdisciplinaridade fica em segundo plano, tornando-se algo não obrigatório, mas muito interessante no ponto de vista pedagógico.

Métodos de ensino de filosofia: seguindo Kant

Tendo em vista a perspectiva de Kant acerca da filosofia e da história da filosofia, como podemos então despertar os alunos para a filosofia e desabrochar essa possibilidade de movimento do filosofar? Além de uma aula da história da filosofia, existem metodologias que podem incentivar o aluno a ponto de ele aprender os movimentos do filosofar? Para esse ensaio apresentaremos duas metodologias que parecem servirem de maneira eficaz a visão kantiana, são elas: i) metodologias ativas; ii) Sílvio Gallo: da sensibilização à conceituação;

a) Metodologias ativas

O que são as metodologias ativas? Analisando o livro *Active Learning: Creating Excitement in the Classroom* (1991) onde o termo primeiro apareceu, cunhado pelos autores Charles Bonwell e James A. Eison, concluímos o seguinte: metodologias ativas advém do termo aprendizagem ativa (Active Learning), consiste no aluno estar ativamente envolvido na aprendizagem de maneira que o engajamento seja em níveis maiores do que estar ouvindo a aula ou outros métodos tradicionais de ensino, ou seja, o aluno precisa ler, escrever, pensar, discutir, debater, questionar, refletir, resolver problemas, etc. (cf. BONWELL; EISON, 1991, p. 5). Portanto, metodologias ativas consistem em metodologias que façam os alunos ativamente engajarem em seu próprio aprendizado, além da posição de receptáculo, que os faça fazer e pensar no que estão fazendo diretamente (cf. BONWELL; EISON, 1991, p. 18-19).

Existem algumas metodologias ativas mais conhecidas e aplicadas no dia a dia da escola, e, inclusive, indicadas na própria formação continuada dos professores como métodos a serem usados, algumas dessas metodologias são:

- Aprendizagem em torno de um problema: de maneira colaborativa, os alunos precisam resolver um problema estipulado em aula relacionada a matéria. Exemplo: Reconstruir um problema de uma era da filosofia, como o problema da realidade do mundo externo e colocar para a turma;
- Sala de aula invertida: fora dos horários de aula, os alunos são incentivados a procurarem materiais sobre um determinado tema para que, em aula, uma conversa/debate será realizada com os demais alunos e o professor. Conta assim, com uma educação emancipadora, pela leitura e entendimento sozinho do aluno em primeiro momento, como visto no livro *O mestre ignorante: Cinco lições sobre a emancipação intelectual* de Jacques Rancière (2002). Exemplo: Pesquisa sobre a Grécia Antiga com enfoque em um filósofo da escolha do aluno, buscando diversificar para maior entrega de informações e debate mais rico.
- Aprendizagem em times: os alunos são dispostos em pequenos grupos para resolução de problemas acerca da disciplina em questão, pode ser utilizado antes, durante ou após as aulas, muitas vezes essa metodologia acaba sendo utilizada nos três momentos (antes, durante e depois) na explanação do educador para uma aprendizagem dinâmica de ensino-aprendizagem. Exemplo: Recriação do método e comunidade científica em sala de aula;

- Jogos: elementos de jogos são utilizados para o ensino do conteúdo pretendido. Exemplo: Quiz sobre filosofia da ciência na contemporaneidade;
- Júri simulado: um problema é colocado em questão e a turma é dividida nas partes que compõem um júri para a discussão desse tema. Exemplo: a discussão em torno da ética moderno do utilitarismo x deontologia através do problema do bonde desgovernado;

Esses são apenas alguns tipos, tendo em vista que se o aluno participa de maneira mais engajada pensando, fazendo e pensando no que faz e porque faz, conta como metodologia ativa, todo professor pode criar metodologias ativas para se adequarem a suas aulas. Na filosofia, tal recurso tem grande possibilidade de uso, não só nos temas filosóficos como exemplificado em cada método citado, mas no próprio ensino de como uma argumentação funciona, através da análise ativa dos textos dos filósofos e seus passos, por exemplo. Além da interdisciplinaridade rica que gera a possibilidade de aulas conjuntas entre professores de outras matérias, caso o tempo hábil no ano letivo seja favorável para a realização delas. Algo que sabemos que atualmente, é uma polêmica muito debatida em relação ao tempo de aula de cada disciplina e a distribuição de tempo dos professores.

b) Sílvia Gallo e seus quatro passos didáticos

Além das metodologias ativas, temos ainda a metodologia proposta por Sílvia Gallo em seu livro intitulado *Metodologia do Ensino de Filosofia: Uma didática para o ensino médio*, que propõe quatro passos didáticos no ensino de filosofia. Tal metodologia merece ser destacada porque pode ser aplicada tanto em um simples plano de aula para uma hora-aula como para oficinas didáticas de filosofia tanto para crianças como para adolescentes e adultos, como podemos ver na série de sete livros *PIBID NA ESCOLA*² que conta com oficinas didáticas que usam de tal metodologia. Sílvia Gallo estipula quatro momentos didáticos para essa metodologia, são eles: 1) sensibilização; 2) problematização; 3) investigação; 4) conceituação. Apesar de comumente esses quatro passos serem usados mais usualmente juntos, uma oficina ou uma aula pode se fazer em somente dois deles, como por exemplo, sensibilização e problematização. Explicando um a um:

² Cf. BRAGGIO, CABRAL E WELTER, 2019.

Sensibilização: Trata-se de sensibilizar e tornar dos alunos um problema no qual eles, posteriormente, sintam-se engajados a participar do resto da aula, isso deve acontecer devido a necessidade de identificação e vivência para gerar interesse nos alunos, cito Sílvia Gallo:

Trata-se, nessa primeira etapa, de chamar a atenção para o tema de trabalho, criar uma empatia com ele, isto é, fazer com que o tema "afete" os estudantes. Sabemos que os conceitos só são criados para enfrentar problemas, e que só enfrentamos os problemas que efetivamente vivemos. Ora, de nada adiantaria que o professor indicasse um problema aos alunos. Para que eles possam fazer o movimento do conceito, é preciso que o problema seja vivido como um problema para eles (GALLO, 2012, p. 96).

Essa sensibilização pode ocorrer de diversas formas, como vídeos, músicas, artes, poemas etc. Os alunos tornam-se mais engajados quando o problema se torna deles, e ainda, quando conversa com a realidade deles, portanto, estar ligado a região onde a escola se encontra e a cultura desse lugar, faz diferença. Tanto para interagir nos termos de cultura e linguagem dos alunos, mas também para possibilitar a experiência de elementos culturais diferentes para eles quando cabível.

Problematização: Com o passo anterior efetivado, de chamar a atenção, é necessário tornar essa sensibilização em um problema, de problematizar para que essa sensibilização se transforme em uma interrogação, e, posteriormente, uma busca conceitual por resposta, a investigação e conceitualização, passos seguintes desse método, cito Gallo:

Nessa etapa, estimulamos o sentido crítico e problematizador da filosofia, exercitamos seu caráter de pergunta, de questionamento, de interrogação. Desenvolvemos também a desconfiança em relação às afirmações muito taxativas, em relação às certezas prontas e às opiniões cristalizadas (GALLO, 2012, p. 97).

Tal etapa, é de extrema importância, uma vez que essa habilidade de questionar e ter pensamento crítico, não é somente uma postura filosófica, mas deve ser adotada no dia a dia, como por exemplo, no exercício da cidadania em nossa sociedade. Além disso, dentro do método, uma interrogação precede, como dito anteriormente, uma investigação conceitual para apresentação de filósofos e temas, só que desse modo, também com o interesse do grupo de alunos.

Investigação: Após sensibilizar e problematizar, tornar uma temática problema dos alunos e estimular interrogações acerca do tema, problemas, entramos na etapa de investigação. A investigação se trata da etapa onde elementos conceituais para a resolução do problema

gerado anteriormente e sensibilizado seja resolvido ou direcionado para a aprendizagem de alguma forma, cito:

Uma investigação filosófica busca os conceitos na história da filosofia que possam servir como ferramentas para pensar o problema em questão. Terá Platão se deparado com esse problema? Em caso afirmativo, como ele o pensou? Produziu algum conceito que tenha dado conta dele? O conceito platônico ainda é válido em nosso tempo? Ele dá conta do problema, tal como o vivemos hoje? E na modernidade, Descartes ou Espinosa lidaram com o mesmo problema? Criaram seus conceitos? São esses conceitos mais adequados ou menos adequados que aquele criado por Platão? Nessa etapa da investigação, revisitamos a história da filosofia. Ela não é tomada como o centro do currículo, mas como um recurso necessário para pensar o nosso próprio tempo, nossos próprios problemas (GALLO, 2012, p. 97).

Essa etapa acaba se voltando para a história da filosofia com uma abordagem interessada ao invés de linear, expositiva e panorâmica. A ideia não é fazer um curso de história da filosofia ensinando o que os principais filósofos de cada era falaram, mas sim diretamente no filósofo que acrescenta conceitualmente ao problema proposto na oficina ou aula. Nesse sentido, essa metodologia parece respeitar a história da filosofia, entretanto, a aborda de uma maneira diferente, como parte do processo de ensino de filosofia, mas não como tudo que há para ser ensinado. Na investigação, portanto, buscamos o que a história da filosofia já disse sobre esse problema, ou então, se não disse nada: trata-se de uma escavação de algo que sempre podemos contar para ensinar e aprender a filosofia. Como vimos com Kant, a história da filosofia não é filosofar e não tem como ensinar a filosofar ou ensinar a filosofia, porém, isso não quer dizer que devemos a desconsiderar no ensino, e sim, para Gallo, abordá-la de modo diferente na didática.

Conceituação: Esse quarto e último passo é de suma importância, é a parte onde o aluno fica mais ativo do que nunca. Não que ele não participe dinamicamente dos outros passos, que podem e devem contar com atividades e modos diferentes do tradicional feito nas aulas convencionais. Todavia, essa etapa é pensada efetivamente para a emancipação, enquanto processo completo, quando conta com os quatro passos, as etapas anteriores culminam na conceituação. O que é conceituação? Para Sílvio Gallo é:

Na etapa da investigação, vamos em busca da "ecologia dos conceitos", de procurar aqueles que se relacionam com o problema que estamos investigando, identificando seus parentescos, como eles vão se transformando pela história da filosofia para se adequar também às transformações históricas dos problemas. Aqui, nessa etapa final, trata-se de fazer o movimento filosófico propriamente dito, isto é, a criação do conceito. Se, por um lado, na investigação pela história da filosofia encontramos conceitos que são

significativos para nosso problema, tratamos então de deslocá-los para nosso contexto, recriando-os para que apresentem possíveis soluções; se, por outro lado, não encontramos conceitos que deem conta de nosso problema, certamente encontramos vários elementos que nos permitam criar um conceito próprio (GALLO, 2012, p. 98).

Essa etapa parece ser o que se aproximaria mais do ensinar o movimento do filosofar, ao longo dessa metodologia, diversos elementos são entregues: a atenção é chamada, a problematização é realizada, uma inquirição é feita na história da filosofia, para os alunos chegarem nessa etapa. Esse passo onde eles pegam tudo que conquistaram ao longo desse método, interativo e conduzido pelo professor, para, da forma que for sugerido ou estipulado, criar conceitos, analisarem, pensarem, recriarem, refletirem.

Conclusão

Depreendemos das análises desses trechos sobre a concepção de Kant a respeito do ensino de filosofia, algumas conclusões, articulando-as temos, primeiramente que, não se pode aprender filosofia porque para Kant não há um saber filosófico aceito (como há um saber matemático), senão tentativas de saber filosófico em doutrinas que não foram duradouras em todas suas partes. Um sistema filosófico fechado não fecha a possibilidade de filosofar renovadamente. A filosofia não está dada, pronta para ser ensinada, no máximo se ensina a história da filosofia.

Em segunda instância, concluímos que o aprender o filosofar é ensinar e estimular o desenvolvimento dos talentos filosóficos que cada um tem, aprender a realizar uma certa prática racional ou a fazer um uso livre e pessoal de sua razão. Isso acontece através do exercício do talento filosófico sobre os sistemas filosóficos existentes, quer dizer, desenvolvendo uma certa prática racional, estudando, analisando, criticando as filosofias que se deram no passado ou no presente e que constituem, nem mais nem menos, os exemplos do uso da razão. E podemos depreender, vinculado a isso, devemos evitar o ensinar da filosofia como um acúmulo de conhecimento, mas “ensiná-la” como um modo de formação do homem para o filosofar, para fazer um uso do pensamento crítico e, assim, ser autônomo. O professor de filosofia tem a peculiaridade de que seu conteúdo de ensino não é apenas material (histórico), mas é formal (racional); ele tem de ser capaz não só de transmitir saberes, mas de incitar a capacidade intrínseca em cada aluno de usar sua própria razão. Que maneiras podemos ter de fazer isso? Atualmente, comumente é usado de maneira eficaz, as metodologias ativas, o contato com os

filósofos diretamente feito pelos alunos e o método de ensino de filosofia de criação de conceitos.

Em um último momento, concluímos que a interdisciplinaridade é importante para o ensino da filosofia. Porém, temos que levar em conta que não é obrigatório e que o sistema de ensino e certas matérias nem sempre permitem dinâmicas, contextualização e tudo o que Kant julga ser necessário para ensinar a filosofar. Em uma finalização, em um exercício metodológico, buscamos e listamos métodos de ensino de filosofia que se adequariam e possivelmente iriam de encontro com o que lemos em Kant, olhamos para as metodologias ativas e os quatro passos didáticos de Sílvio Gallo, pensando na educação básica no ensino de filosofia no Brasil.

O propósito desse texto foi cumprido, obtivemos um panorama do ensino de filosofia proporcionando essas reflexões e a ação de pensar sobre tudo isso no momento de ensinar. Tornar esses momentos de ensino conscientes, é importante, para a melhoria dele e para alcançar o melhor que podemos fazer nas condições que nos encontramos.

Referências

BONWELL, C. C; EISON, J. A. *Active Learning: Creating Excitement in the Classroom*. Washington: George Washington University, 1991.

BRAGGIO, A. K.; CABRAL, M. S; WELTER, N. K. *Oficinas didáticas de filosofia da UNIOESTE*. Toledo – PR: Editora Vivens, 2019.

GALLO, Sílvio. *Metodologia do ensino de filosofia: Uma didática para o ensino médio*. Campinas: Papyrus, 2012.

KANT, Immanuel. *Crítica da Razão Pura*. 9ª ed. Trad. Manuela pinto dos Santos e Alexandre Fradique Mojrão. Lisboa: Fundação Gulbenkian, 2018.

KANT, Immanuel. *Lógica*. Trad. Guido Antônio de Almeida. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1992.

KANT, Immanuel. Notícia do Prof. Immanuel Kant sobre a organização de suas preleções no Semestre de Inverno de 1765-1766. In: *Lógica*. Trad. Guido Antônio de Almeida. Rio de Janeiro: Tempo brasileiro, 1992.

RANCIÈRE, J. *O mestre ignorante: Cinco lições sobre a emancipação intelectual*. Belo Horizonte: Autêntica, 2002.